

TRABALHO E NÃO TRABALHO EM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Alexandre Villar Drumond,

Escola Particular de Educação Básica

Ângela Celeste B. de Azevedo,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

André Malina,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Jennifer Aline Zanela,

Colégio de Aplicação João XXIII/Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Mundo do Trabalho; Tempo de não trabalho

INTRODUÇÃO

No presente texto, trazemos uma pesquisa sobre a qualidade de vida do professor da Educação Infantil da área de Educação Física e Educação, a partir de dados obtidos em entrevistas realizadas com 20 professores. De posse dos dados dos dias trabalhados, quantidade de horas e turnos trabalhados, podemos relacionar os relatos das entrevistas com elementos sobre o tempo livre e sobre o mundo do trabalho, com base na concepção de Trabalho em Antunes (2009).

SOBRE A PESQUISA E ANÁLISE DOS DADOS

Para análise, discute-se respostas sobre o que os professores trabalhadores fazem com o tempo de não trabalho e se articulam este tempo com as atividades de sala de aula.

P9² “Eu continuo trabalhando em casa, eu cuido da minha casa, da minha avó, eu cuido de mim também, eu procuro orientações quando preciso. [...] Eu faço trabalhos em casa da escola, eu levo trabalho para casa para continuar elaborando, seja separar trabalho de criança para enviar, seja confeccionar livros, seja elaborar relatórios e planejamentos de aula”.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² P – Professores entrevistados.

P2 “Eu na verdade faço outros trabalhos, risos... sim, como mãe acho que hoje eu vivo um contexto de formação, tenho três filhos pequenos, quando chego em casa fico sozinho com eles, então assim, o tempo todo eu tô no espaço de formação, de cuidar, de educar. [...] então para mim meu tempo [...] quando eles vão dormir eu penso e preparo as minhas aulas, tudo que a gente faz aqui precisa de um tempo de reflexão, de pausa para eu pensar como eu posso estar levando tudo isso, de uma forma que seja mais interessante, que desperte mais interesse dos meus alunos, então, é algo que eu também aproveito para fazer quando não estou dando aula”

P4 “Não faço quase nada, no meu não-trabalho eu continuo trabalhando, o trabalho continua em mim. [...] o tempo do professor no Brasil não é bem dividido [...] você acaba fazendo em casa, você troca o seu lazer por um aperfeiçoamento da sua prática e as vezes eu passo dia todo de sábado fazendo seminário”.

Com Antunes (2009) se esclarece esta questão quando se refere a “vida cheia de sentido *fora* do trabalho supõe uma vida dotada de sentido *dentro* do trabalho”, e entende que

Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (*verdadeiramente*) livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará *maculada* pela *desejetivação* que se dá no interior da vida laborativa. (p.173)

Antunes (2009) afirma que, nesse momento de crise do capital, o trabalhador precisa a todo custo garantir a sua empregabilidade, fazendo o que esteja ao seu alcance para se manter no trabalho assalariado. Ressalta que o trabalhador está nas mãos do capitalista, pois até no seu tempo livre o trabalhador se qualifica para avantajá-lo enquanto trabalhador. Esta forma de trabalho se expressa nos relatos em destaque.

P18 “Eu trabalho em casa, cuido de filho, da casa, [...] eu tenho que fazer, plano de aula, plano de curso, tenho que fazer atividade, então na verdade quando eu não deveria estar trabalhando eu estou trabalhando, finais de semana inclusive”.

P1 “Metade eu dedico ao meu trabalho, eu tenho muito que fazer, planejamento, selecionar material, pensar nas questões da escola. A outra eu dedico a diversão com a família”.

P6 “Eu cuido da minha família e às vezes da minha saúde. [...] muitas atividades se articulam, gosto de ler, pesquisar, procurar atividades, relatórios”.

Em síntese, não há necessariamente um distanciamento entre tempo de trabalho e de não trabalho. Ao contrário, no todo ou em parte o professor dedica o tempo livre às atividades ou à preparação para o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos diante de relatos das vivências expostas pelos sujeitos da pesquisa, em suas rotinas diárias, o quão se torna precário este contexto da qualidade de vida do trabalhador e tão próximo e atual à realidade exposta no trabalho do professor em relação ao tempo livre e descanso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.